

UFPE / USP

**GENEALOGIA NIETZSCHEANA E ARQUEOLOGIA FREUDIANA:
uma confrontação crítica**

Projeto de Pesquisa de **Estágio pós-doutoral**
apresentado pelo Prof. Dr. **Vincenzo Di Matteo** ao
supervisor Prof. Dr. **Vladimir Safatle** da USP.
Período: 2009.1 / Fevereiro – julho de 2009

Recife/São Paulo, dezembro de 2008

RESUMO

O presente projeto de Estágio pós-doutoral retoma apenas algumas das múltiplas aproximações que é possível estabelecer entre os ‘mestres da suspeita’ Nietzsche e Freud.. Especificamente, será analisada a crítica à Modernidade operada pelos dois pensadores a partir dos respectivos métodos de análise, genealógico e arqueológico, privilegiando os textos da *Genealogia da Moral* e de *O mal-estar na Cultura*. O que é visado nessa confrontação é determinar as convergências e divergências e a validade os limites de análise de cada perspectiva. Se for verdade que o “nihilismo” nietzscheano e o “mal-estar” freudiano não esgotam o diagnóstico sombrio de nossa Modernidade, será possível explicitar as respectivas propostas terapêuticas das patologias culturais e sondar a validade e os limites de seus respectivos prognósticos.

Palavras-chave: Nietzsche, Freud, Modernidade, Cultura.

S U M Á R I O

1.	CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO	4
2.	OBJETO DA PESQUISA	4
3.	JUSTIFICATIVA	5
4.	REVISÃO DA LITERATURA	6
5.	RECORTE TEMÁTICO E DA BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA	7
	5.1 Método genealógico	8
	5.2 Método arqueológico	9
6.	HIPÓTESES INICIAIS	11
7.	OBJETIVOS	12
8.	METODOLOGIA	12
9.	DURAÇÃO E CRONOGRAMA DA PESQUISA	14
10.	RESULTADOS ESPERADOS	14
	REFERÊNCIAS	15

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO

O presente Projeto de Pesquisa de Estágio pós-doutoral é um recorte do Projeto homônimo no qual estou trabalhando a partir de 2008 e que se situa na continuação de dois outros já encerrados: Filosofia e Psicanálise: a problemática do sujeito (1999-2004); Filosofia e Psicanálise: o sujeito ético da psicanálise (2005-2007). Os três projetos constituem uma contribuição e um suporte às Linhas de Pesquisa de *Ontologia* e de *Ética e Filosofia Política*, respectivamente, do programa de Mestrado em Filosofia da UFPE e do Doutorado Integrado da UFPE, UFPB e UFRN. Situam-se, também, no interior do Grupo de Trabalho *Filosofia e Psicanálise* da ANPOF, do qual fui um dos sócios fundadores e primeiro coordenador, ainda integrando seu núcleo de sustentação.

2. OBJETO DA PESQUISA

Em 1908, “a comunidade psicanalítica das quartas feiras” se confrontou por duas vezes com a obra de Nietzsche. Respectivamente, com *A genealogia da moral* em 01.04.1908 e *Ecce Homo* em 28.10.1908 (Cf. *Les premiers psychanalistes*, 1976). Cem anos depois, esta pesquisa pretende retomar especialmente o espírito do primeiro confronto, deixando de lado o segundo quando os psicanalistas pareciam mais interessados em discutir o “caso Nietzsche” do que analisar as surpreendentes semelhanças entre a filosofia de Nietzsche e a jovem ciência psicanalítica. O interesse, portanto, é aproximar os dois pensadores e suas perspectivas de análise a respeito de alguns problemas que reputamos centrais em suas obras: o da subjetividade, da moralidade e de suas articulações com o mundo da cultura. O desejo maior, porém, é de não se limitar a confrontar dois jogos de linguagem parecidos - mas não idênticos - sobre esses temas, mas forçá-los a dialogar entre si e conosco. No primeiro caso para ir além das analogias e identificar as divergências de fundo. No segundo, para sondar se e até que ponto seu respectivo diagnóstico e prognóstico das patologias culturais da Modernidade nos podem ajudar, analogicamente, na compreensão de nossa Contemporaneidade.

Pode-se questionar - com razão - essa problemática conjunção de Freud e Nietzsche ou Nietzsche e Freud. Afinal, o pensador alemão (2006, aforismo 16) desconfia de certas “famigeradas” conjunções (como, por exemplo, Goethe e Schiller; Schopenhauer e von Hartman) e o psicanalista vienense insiste na originalidade de sua descoberta, não reconhecendo nenhuma dívida simbólica com os assim considerados “precursores”,

inclusive com o próprio Nietzsche e Schopenhauer, dois pensadores com fortes “afinidades eletivas”.

Além disso, tanto Freud (1933b, p.220) quanto Nietzsche (2006, &26; 2000b & 318) são dois críticos ferrenhos do sistema e não se deixam enquadrar com facilidade num sistema sincrônico de análise, tanto mais que, em ambos, é possível identificar algumas descontinuidades em sua obra.

A despeito dessas dificuldades, não faltam razões para continuar esse exercício de aproximação e confronto, os quais – como já vimos – remontam ao começo do século XX.

3. JUSTIFICATIVA

De um ponto de vista histórico, as aproximações se legitimam a partir do lugar privilegiado que a filosofia de Nietzsche ocupa nas relações ambivalentes de Freud com a filosofia em geral. Aquela de Nietzsche, de fato, parece escapar à crítica impiedosa e não desempenha apenas a função de referência legitimadora das descobertas psicanalíticas. A despeito das afirmações explícitas de Freud, não parece que tenha se limitado a ler uma meia página da obra de Nietzsche. Sabemos por um de seus biógrafos que a lera quando jovem estudante e comprou as obras reunidas quando da morte de Nietzsche. Cioso, porém, de sua independência intelectual parecia tratar “os escritos de Nietzsche como textos muito mais a se combater do que a estudar” (GAY 1989, p. 58). Isso, porém, não o impediu de registrar e assumir algumas significativas ressonâncias nietzscheanas em suas descobertas psicanalíticas. Há pelo menos uma dezena dessas referências, habitualmente breves e estereotipadas, que se encontram nas obras de Freud (1900; 1901; 1911; 1914; 1916; 1921; 1923; 1925; 1933a) e várias alusões a Nietzsche no volumoso epistolar freudiano. Na reconstrução histórica de eventuais influências desse sobre Freud não podem ser desconsideradas as “influências” indiretas, como, por exemplo, de pessoas que nutriram amizade para com os dois pensadores (Joseph Paneth, Sigfried Lipiner, Lou Andréas-Salomé) ou admiração pela obra de ambos (Arnold Zweig, Thomas Mann 1929, 1936) ou que se utilizaram do pensamento de Nietzsche para legitimar suas dissidências ou divergências com relação ao pensamento de Freud (Alfred Adler, Gustav Jung, L. Binswanger (1970), Otto Rank (1929), Otto Gross). Há, portanto, mais de uma ponte que liga os dois pensadores: a pessoal, a literária, a filosófica, a psicanalítica a ponto de se falar, num determinado momento histórico, de um nietzscheo-freudismo.

De um ponto de vista doutrinal, as aproximações conceituais não são menos numerosas ou sugestivas, tais como as referentes a noções fundamentais (Instinkt, Trieb,

Id, Inconsciente, origem da consciência moral, sublimação, culpa, crueldade, compulsão à repetição, eterno retorno). Talvez mais interessantes ainda sejam as aproximações temáticas ou de problemas, como, por exemplo, a sexualidade e suas patologias decorrentes de sua relação conflituosa com a cultura. Ambos são pensadores lúcidos que souberam analisar como poucos a tensa relação desejo-cultura e situar a infelicidade humana numa dimensão genético-histórica. Não se limitaram a um diagnóstico sombrio de nossa Modernidade, mas cada a seu modo se tornou portador de uma proposta terapêutica que vale a pena confrontar para discernir sua validade e seus limites para nossos tempos pós-modernos. É verdade, que esse ‘mal-estar’ e ‘nihilismo’ parecem ser mais aqueles da Modernidade, no entanto, também os nossos ‘pós-modernos’ dificilmente podem ser compreendidos sem pelo menos confrontá-los com o diagnóstico e prognóstico de Nietzsche e Freud.

Além disso, há uma hermenêutica comum para explicar os fenômenos superiores da cultura (arte, religião, filosofia, ciência) a partir do inferior (pulsões) e uma crítica contundente especialmente à religião em geral e cristã em particular responsável pelo prejudicial ideal ascético (NIETZSCHE 2004, terceira dissertação) ou pela neurose moderna, novo refúgio em substituição ao antigo convento onde costumavam se retirar as pessoas que a vida tinha decepcionado ou que se julgavam frágeis demais para enfrentá-la (FREUD, 1908; 1910).

As afinidades temáticas e metodológicas entre os dois pensadores não deixaram de fascinar filósofos, psicanalistas e artistas do mundo literário ao longo do século XX.

4. REVISÃO DA LITERATURA

São inúmeros os trabalhos de aproximação entre os ‘mestres da suspeita’ Nietzsche e Freud provenientes tanto de psicanalistas, artistas literários e filósofos. Limitando-me, por enquanto, apenas à bibliografia brasileira das últimas décadas, registro artigos ou capítulos de livros de autores tais como Antonio Gomes Penna (1994), Márcio Amaral (1997), Alfredo Naffah Neto (1997; 2004), Oswaldo Giacóia Junior (1997, 1999; 2000a; 2000b), Zeljko Loparic (1999), Vladimir Safatle. (1999), Cíntia Vieira da Silva (2000), Vânia Dutra de Azeredo (2000), Scarlett Marton (2001b), Maria Rita Kehl (2004), Jurandir Freire Costa (2004), Rogério Miranda de Almeida (2005; 2008), Eduardo Sugizaki (2005).

Na bibliografia estrangeira, se destacam Baudouin (1924), Mann (1929; 1936), Rank (1929), Binswanger (1936/1970), Sondag (1971), os textos de Foucault (1971; 1980), Granier (1979), Ourednik (2003) e, de modo particular, alguns trabalhos de fôlego como os

Paul-Laurent Assoun (1980 /1989a), Ronald Leher (1995), Reinhard Gasser (1997), os quais, geralmente, abordam tanto as aproximações de natureza histórica quanto temáticas.

5. RECORTE TEMÁTICO E DA BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA.

Para minimizar os riscos e equívocos dessa confrontação e tornar viável o projeto, torna-se imprescindível determinar o recorte que pretendemos operar na aproximação desses dois pensadores - estranhamente contemporâneos e extemporâneos ao mesmo tempo.

Antes de tudo, não se deve esperar da pesquisa um recorte diacrônico que acompanhe a evolução das teorias dos dois pensadores sobre moral e cultura na Modernidade. Penso que o recorte do tema “Crítica da Modernidade” em duas obras - *A genealogia da moral* (1887) e *O mal--estar na civilização* (1930) – seja suficientemente significativo para o nosso propósito.

Na primeira, não apenas deságuam temas e problemas de importantes obras anteriores de Nietzsche, tais como *Humano, demasiado humano* (2000a); *Aurora* (2000b); *Além do bem e do mal* (1999), mas também se anunciam os temas da decadência e do niilismo de imensa importância para as obras seguintes: *O crepúsculo dos ídolos* (2006); *O anticristo* (2007); *Ecce homo* (2000c). Além disso, a crítica da moral e da cultura moderna é abordada segundo o método genealógico que ultrapassa a simples abordagem genético-histórica. Na visão de Nietzsche, toda a história do pensamento ocidental, incluindo a da Modernidade é a história de um nihilismo que se radicaliza, na medida em que a civilização é uma domesticação do homem, a vitória dos escravos sobre os mais fortes mediante a invenção de «instrumentos da cultura», razões, justificações, ficções, convicções que, quando interiorizados pelo homem, destroem e pervertem a sua vontade de poder na qual reside a essência da vida. Dessa maneira, Nietzsche desenvolve uma explicação do processo evolutivo pelo qual o animal humano se torna um animal doente, um «animal de rebanho» que pode fazer promessas e ser considerado responsável pelas suas ações, um animal ressentido e vítima de um ideal ascético culpabilizador e negador da vida. A crítica à religião e à metafísica de inspiração socrático-paltônica subjacente a esse ideal ascético se desdobra na crítica à própria ciência moderna que também assenta numa fé metafísica. Seu propósito é resgatar o valor da vida, priorizando-o sobre o valor da verdade. Uma crítica e um projeto, porém, que parece colocar-se na contramão de muitos valores que consideramos conquistas do Ocidente, tais como democracia, igualitarismo, solidariedade, compaixão, e apontar para o ideal de um individualismo exacerbado.

Na segunda, Freud retoma uma série de temas sobre moral e cultura abordados em textos anteriores - *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* (1908); *Totem e Tabu* (1912/13); *Psicologia das Massas e análise do eu* (1921) - e os articula em torno da busca das causas da infelicidade na civilização. É verdade que o famoso texto de 1930 não pode ser considerado um simples texto de sociologia ou de psicanálise aplicada, como parecem insinuar dois dos mais prestigiados biógrafos de Freud (JONES, 1970, p.104; GAY, 1989, p.496). Podemos até considerá-lo com Lacan (1991, p.15-16) um texto metapsicológico e com Ricoeur (1979, p.217) um texto “metacultural”. Todavia é inegável que o “mal-estar” é pelo menos também “na” e “da” civilização da modernidade ocidental (ROUANET, 1993; BAUMAN, 1998; BIRMAN, 1999). O “deus de próteses” em que o homem moderno se transformou devido aos avanços técnico-científicos é um “deus infeliz” (FREUD, 1930, p.111-112), o que não vai impedir Freud de renunciar totalmente a sua fé no “deus logos” (FREUD, 1933b), nem de apontar algumas prováveis saídas éticas tanto para o indivíduo em particular quanto para a cultura em geral (Cf. MATTEO, 1998; 1999; 2006).

Delimitado o tema e a bibliografia primária de referência, resta caracterizar os dois métodos de análise, a saber o genealógico e arqueológico.

5.1 Método genealógico

Na *Genealogia da Moral*, de uma maneira explícita, Nietzsche nos descreve seu método genealógico ao se interroga pelo *valor* da compaixão que logo se estende a toda moral, postulando “[...] *uma nova exigência*: necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* [...]” (NIETZSCHE, 1998, p.12 - grifo do autor). Projeto que estende à própria verdade porque, mesmo renunciando à fé no Deus do ideal ascético, “*passa a existir um novo problema*: o problema do *valor da verdade*” ((Ibidem, p.140 - grifo do autor).

É dentro desse horizonte de crítica do valor dos valores morais e do valor verdade alicerçados respectivamente pela religião e pela metafísica de um lado e pela ciência moderna de outro que devem ser situadas as críticas que Nietzsche dirige à Modernidade. Uma crítica devastadora, mas que não se esgota em sua negatividade. É sabido que *A genealogia da moral* junto com *Além do bem e do mal* (1999) são dois livros que testemunham o esforço de quebrar o silêncio que se seguiu à publicação de *Assim falou Zaratustra* (2004), considerado por Nietzsche como um ‘quinto evangelho’. Não estaríamos mais abandonados à vontade de nada, isso é, “*a querer o nada a nada querer*”

(NIETSCHE, 1998, p.149 grifo do autor). O projeto de transmutação de todos os valores agora seria possível através do anúncio do «super-homem» encarado como auto-superação da modernidade e do niilismo que a atravessa. Na interpretação de Giacóia (2008, p.245) “Essa exigência se nutre da mesma raiz de que brota o ímpeto libertário do Esclarecimento, ou seja, a idéia essencialmente emancipatória de retirar o homem dos grilhões da superstição e da ignorância, sobretudo em relação ‘a sua própria natureza”.

5.2 Método arqueológico

Um esclarecimento adicional quanto ao rótulo de “arqueologia freudiana” para caracteriza o método de análise da cultura da Modernidade.

Num texto escrito e publicado antes de sua morte prematura, o único texto dedicado em sua totalidade à psicanálise, Merleau-Ponty (1960, p.5-10) parece fazer um balanço das relações entre filosofia (fenomenológica) e psicanálise. Teria havido um ‘mal-entendido inicial’ entre a obra de Freud e o leitor apressado, até se chegar a uma convivência pacífica com essa ‘hermenêutica implacável’ que é a psicanálise. São as resistências do leitor que cederam com o decorrer dos anos – pergunta-se Merleau-Ponty - ou este caiu nas armadilhas da psicanálise? Nem uma coisa nem outra, responde. Havia de fato um mal-entendido que desapareceu e a psicanálise que se ama não é a mesma que se recusava e que ainda continua a se recusar aquela que precisa reformular certos conceitos psicanalítico, na medida em que o gênio do Freud terapeuta não se manifestou da mesma forma na elaboração de uma teoria, constituída – segundo ele - de ‘magros conceitos’, que necessitam ser expressos numa ‘melhor filosofia’ para que o tesouro escondido e recalcado na comunicação psicanalítica possa ser resgatado. Isso, porém não implica afirmar que a fenomenologia tenha os meios de exprimir melhor o ‘intemporal’, o ‘indestrutível’ que é o nosso inconsciente ou dizer ‘claramente o que a psicanálise dissera confusamente’. Ao contrário, a psicanálise com suas metáforas energéticas ou mecanicistas conserva “o limiar de uma intuição que é uma das mais preciosas do freudismo: aquela de nossa arqueologia.” (MERLEAU-PONTY, 1960, p.9).

Esse conceito-metáfora de *arqueologia* não é só da psicanálise. Segundo Fink, (apud PINTOR RAMOS, 1978, p.253) a filosofia do último Husserl é uma arqueologia da experiência humana. A expressão foi recolhida pela fenomenologia e filosofia em geral de

língua francesa a ponto do hegeliano J. Hyppolite (1988, p.88) considerar a psicanálise como “arqueologia ou exegese do espírito”.¹

É compreensível, portanto, essa valorização por parte de Merleau-Ponty da metáfora da arqueologia que lhe permite mostrar tanto a necessidade da psicanálise precaver-se do risco idealista quanto a da Fenomenologia em permanecer fiel a si mesma, não podendo considerar-se uma ‘filosofia da consciência’, ao ‘descer no seu próprio subsolo’. A consonância entre as duas disciplinas não se daria no conteúdo e sim na direção na medida em que deixam de serem paralelas, para apontarem ambas na mesma direção de uma ‘latência’, entendida heideggerianamente como uma relação de simultaneidade entre o visível e o invisível (Cf. PONTALIS, 1961, p.301). Dito de outra maneira, “caminhariam juntas rumo a uma filosofia liberada da interação entre substâncias e que, portanto, não poderia ser que ‘um humanismo de verdade’ sem metafísica” (MERLEAU-PONTY, 1960, p.9).

Paul Ricoeur retoma, tematiza e destaca esse conceito de arqueologia em seu *Ensaio sobre Freud* (1965). Ultrapassando a tese clássica dos filósofos franceses com seu “sim ao método” terapêutico freudiano e seu “não à doutrina”, defende a tese contrária daquela de seu primeiro professor em Filosofia e iniciador no estudo de Freud, Roland Dalbiez (1936). Não Doutrina e Método e sim Doutrina é método, na medida em que o escandaloso discurso energético freudiano tem sua razão de ser para dar conta da semântica do desejo, da prática psicanalítica e da interpretação da cultura. Recusa-se a considerar a psicanálise inadequada para explicação e compreensão do que Dalbiez (1947, p.301) chama de “psiquismo superior” (arte, moral, religião), confinando-a à explicação do “psiquismo inferior” (atos falhos, sonhos, sexualidade) e do “psiquismo mórbido” (neuroses, psicoses). Segundo as palavras do próprio Ricoeur (1965, p.8) “não acreditei que se podia confinar Freud na exploração daquilo que, no homem, é o menos humano. Meu empreendimento nasceu da convicção inversa: é por ser, de direito, uma interpretação da cultura, que a psicanálise entra em conflito com qualquer outra interpretação global do fenômeno humano”.

Ao tema da arqueologia vai dedicar um importante capítulo - o da arqueologia do sujeito -, um conceito que define “o lugar filosófico do discurso analítico” (RICOEUR, 1977, p.343), ressaltando, porém, que esse conceito não é de Freud, ao mesmo tempo que - numa outra passagem reconhece que “toda a interpretação [freudiana] da cultura é uma arqueologia”. (Ibidem p.362)

¹ Trata-se de uma Conferência proferida no King’s College, em 04.03.1959, praticamente na mesma época do Prefácio de Merleau-Ponty.

O rótulo de arqueologia com o qual se quer caracterizar o método da psicanálise se justifica seja porque o próprio Freud (1930, p.87) recorre com frequência a essa metáfora ou *analogia* seja porque em sua produção o tema do anterior, do arcaico é sua própria obsessão. Ninguém antes de Freud nos tinha revelado com tanta coerência e inquietante consistência um destino que está atrás, um “retardo destinal” (Ibidem, p.437). É como se toda a produção psicanalítica freudiana fosse perpassada por uma “estranha e profunda filosofia do destino”. (RICOEUR, 1965, p.452).

Nesse sentido, seria possível identificar com facilidade uma “arqueologia restrita” que se evidencia no movimento de “regressão” do aparelho psíquico, como se manifesta na satisfação do desejo de nossos sonhos; na “intemporalidade” do Inconsciente e do Id que nos fala da indestrutibilidade e intransponibilidade do desejo; na teoria do narcisismo com o retorno da energia desinvestida ao grande reservatório do Ego. Da mesma maneira é possível se falar de uma “arqueologia generalizada” da interpretação da cultura, entendida como satisfação disfarçada do desejo e substituta de objetos arcaicos perdidos; no “retorno do recalado” para explicar o fenômeno religioso; nos traços arcaicos do superego e na explicação genética do fenômeno moral; na teoria das pulsões com seu caráter conservador; enfim, no conceito de compulsão à repetição que está na origem da introdução da pulsão de morte com sua volta ao inorgânico.

Esse discurso energético-arquelógico de Freud pode, deve e, habitualmente, é entendido como metafórico, mas – segundo as palavras de Ricoeur (1965, p.156) “é a metáfora que protege a especificidade da metapsicologia relativamente a toda fenomenologia da intencionalidade, do sentido e da motivação”. É por isso que opta por articular indissociavelmente a energética e a hermenêutica em Freud, contrapondo sua leitura de Freud à de Lacan: “Todas as tentativas que se fizeram para eliminar a energética numa transcrição inteiramente lingüística, carecem, no meu entendimento, de fundamento e não é certamente o que quis fazer Freud”. (RICOEUR, 1964, p.39-40).

Mesmo que se trate apenas de “uma” leitura e não de “a” leitura de Freud, essa perspectiva arqueológica nos permite lançar uma ponte privilegiada entre a valorização da vida em Nietzsche e o recurso ao modelo biológico entendido por Freud como protótipo e modelo, como origem e como esperança (Cf. MATTEO, 1999; LAPLANCHE, 1992).

6. HIPÓTESES INICIAIS

Parto da convicção de que a Crítica à Modernidade operada por Nietzsche e Freud a partir dos respectivos métodos de análise são úteis para pensarmos os problemas de nossa Contemporaneidade. Todavia, é inegável que nossa sociedade pós-industrial e globalizada não é a mesma daquela de Nietzsche e Freud, nem os diagnósticos e prognósticos respectivos podem ser simplesmente transpostos para os dias de hoje. Nesse sentido, é legítimo se colocar as seguintes questões: o que aprendemos com os dois pensadores e podemos incorporar ao nosso patrimônio cultural e o que é possível problematizar tendo presente precisamente tanto as duas teorias, cada uma como instância crítica da outra, quanto nosso quadro cultural contemporâneo.

A resposta a essas questões parte de duas hipóteses que a pesquisa vai confirmar, refutar ou matizar. A primeira, é que as semelhanças e diferenças devem ser julgadas e compreendidas a partir de duas interpretações da Modernidade parecidas, mas não idênticas. Se essa hipótese estiver correta, penso que seja possível se utilizar da genealogia nietzscheana como instrumento avaliativo da psicanálise, assim como da arqueologia freudiana para o projeto nietzscheano. No primeiro caso, podemos problematizar se e até que ponto a psicanálise é portadora de “verdades universais” e, por certos aspectos, não seria uma forma sofisticada de ideal ascético que é preciso ultrapassar. No segundo, se e até que ponto o projeto nietzscheano não passaria – segundo a compreensão de Freud – de uma tentativa injustificada de transformar o ‘ser’ (*ist*) em ‘dever’ (*soll*), um projeto alheio à ciência e, portanto, apenas moralista.

7. OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa, portanto, é estabelecer uma confrontação crítica entre a perspectiva nietzscheana e freudiana na abordagem da crise da Modernidade.

Os objetivos específicos:

Rastrear, registrar, analisar, interpretar e sistematizar as passagens que possibilitam explicitar o discurso nietzscheano e freudiano sobre a Modernidade entendida em seus aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais.

Contextualizar as análises nietzsceanas e freudianas da Modernidade dentro do respectivo campo teórico e momentos históricos.

Proceder a um balanço crítico das contribuições freudo-nietzsceanos para compreensão da Modernidade, avaliando criticamente o discurso freudiano a partir da

perspectiva genealógica de Nietzsche e o projeto nietzscheano daquele arqueológico freudiano.

Par atingir esses objetivos seguiremos os seguintes procedimentos metodológicos.

8. METODOLOGIA

A pesquisa partirá dos textos nietzscheanos e freudianos que foram selecionados, visando, inicialmente, mais um trabalho de historiador da filosofia. Talvez, as críticas à Modernidade podem ser articuladas com o diagnóstico e prognóstico das patologias próprias do homem moderno em suas formas de ressentimento, má consciência e ideal ascético para empregarmos um jogo de linguagem nietzscheano ou de “mal-estar” decorrente da natureza das pulsões eróticas e agressivas, mas também da falência da racionalidade da Modernidade num jogo de linguagem freudiano. Se neste primeiro momento da pesquisa privilegiamos esse aspecto é porque há uma abundância de metáforas «bio-psico-médicas» — tais como vida, diagnóstico, pulsões, sintomas, cura, saúde, degenerescência, doença, evolução, instintos, forças ativas e reativas, adaptação, crescimento, energia e tantas outras — que os legitimam.

Num segundo momento, as homologias e analogias existentes entre as duas obras, precisam ser rigorosamente contextualizadas no respectivo campo teórico de cada uma para evitar o curto circuito de uma aproximação direta ou o perigo de um ingênuo e infecundo ecletismo. Assim como a psicanálise não diz apenas com outras palavras o que Nietzsche brilhantemente condensou em suas metáforas e aforismos, do mesmo modo Nietzsche não pode ser reduzido a mero precursor daquela.

Num terceiro momento, vai se tentar problematizar a verdade de cada jogo de linguagem a partir da alteridade e irreducibilidade do outro.

Para as análises textuais e contextuais, nos apoiaremos sobre estudiosos da obra de Nietzsche (DELEUZE 2001; FINK 1988; GIACÓIA 1995, 1997, 2000a, 2000b, 2005a, 2005b; GRANIER 1982; HEIDEGGER 2000, 2007; JASPERS 1950; KAUFMAN 1956; KLOSSOWSKI 2000; LEHER, 1995; MACHADO 2000; MARTON 1985ab, 1991, 2000, 2001a, 2004, 2005, 2006ab; MONTINARI 1996; MULLER-LAUTER 1997; ORSUCCI 2001, PEARSON 1997; SAFRANSKI 2001; SCHACHT 1994; VATTIMO 1990, 1996, 2000, 2003) ou daquela de Freud (ASSOUN 1989b; MARCUSE 1970, 1981, 2001; RICOEUR 1977; RIDER et alii, 2002; KEHL, 2000; ROUANET 2003), limitando-nos — no momento — apenas a título de livros.

Numa bibliografia mais específica relacionada com a crítica nietzscheana da Modernidade, anotamos os trabalhos de Alfieri (1984); Ansel-Pearson (1997); Araldi (1998); Bäeumler (2003); Cacciari (1978); Cano (2000); Escobar (1978); Giacóia (1994, 1997a,b,c,d, 1999a,b, 2000, 2005b,c, 2007, 2008); Goyard-Fabre (1977); Habermas (2000); Losurdo (1997; 2002; 2003); Matos (2001); Miranda (1987); Moura (1989; 2005); Negri (1978); Oliveira, N. (1999); Sousa, J. (2001); Wotling (1995).

Entre essas obras, destacamos as de Domenico Losurdo que suscitaram – especialmente o livro de 2002 *Nietzsche il ribelle aristocratico. Biografia intellettuale e bilancio critico* - um interessante e aceso debate entre os estudiosos de Nietzsche ao denunciar o que chama de “hermenêutica da inocência” com a qual vários intérpretes de Nietzsche tentaram encobrir “os erros” e os “horrores” de um pensador que eminentes historiadores colocam no horizonte da reação antedecrática do fim do séc. XIX. Já para Giacóia (2008), essas leituras que remonta à interpretação de Lukács, não passam de preconceitos cuja genealogia tenta reconstruir.

Evidentemente, o método de análise privilegiará o texto da *Genealogia* sem perder de vista os vários temas diretamente correlacionados com a crítica à Modernidade (Araldi, 1998; Brusotti, 2000 e 2001; Giacóia, 1997; Onate, 1996; Oliveira, L. 2002; Pascoal, 2000; Silén 2000; Sobrinho, 2004; Sousa, M.A. 2006) e, na medida do possível, também o contexto histórico da produção e recepção do mesmo (Campioni, 2001; Marton, 2005, 2006). Sem a pretensão de reconstruir a verdade do texto, nos guiaremos entre essas guerras de interpretações (SCHRIFT, 1999) pelas orientações dadas por um dos principais estudiosos de Nietzsche do séc. XX: Mazzino Montinari (1975, 1997; 1999), cujo método é explicitado e comentado por Ernani Chaves (1997).

Afinal, se for procedente a leitura que Foucault (1980) faz de Nietzsche, Marx e Freud, se, efetivamente os três pensadores modificaram a forma geralmente usada na interpretação do símbolo a ponto de a interpretação converter-se numa tarefa infinita, só resta esperar que minha interpretação possa se tornar uma contribuição de qualidade nesse trabalho infundável.

9. DURAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa tem duração prevista de seis meses: de fevereiro a julho de 2009

10. RESULTADOS ESPERADOS

Os resultados esperados são a elaboração de até três artigos, que pretendo publicar em Periódicos especializados nos estudos nietzscheanos ou de filosofia e psicanálise. O conteúdo, substancialmente, estará relacionado com os três objetivos específicos acima registrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFIERI, Luigi. *Apollo tra gli schiavi. La filosofia sociale e politica di Nietzsche (1869-1876)*. Milano: Angeli 1984.

ALMEIDA, Rogério Miranda. *Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Nietzsche e a questão da sublimação. *Aurora*, v. 20, n.27, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/rf?ddl=2421&dd99=view>. Acesso em: 14.12.2008

AMARAL, Márcio. O “São João Baptista da Psicanálise”. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Instituto de Psiquiatria da UFRJ*, 46, 4, p.185-189, 1997.

ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ARALDI, Clademir Luís. [Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche](#). *Cadernos Nietzsche*, n. 5, p. 75-94, 1998. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_05_05.pdf>. Acesso em: 17.12.2007.

ASSOUN, P.-L. *Freud et Nietzsche. Paris: PUF, 1980. (Freud e Nietzsche – semelhanças e dessemelhanças)*. São Paulo, Brasiliense, 1989a.

_____. *Aspectos del malestar en la cultura*. Buenos Aires, 1989b.

AZEREDO, Vânia Dutra de. *Nietzsche e a dissolução da moral*. São Paulo e Ijuí: Discurso Editorial e Editora Unijuí, 2000.

BÄEUMLER A. *Nietzsche. Der Philosoph und Politiker*. Leipzig: Reclam, 1931. (ed. it. *Nietzsche. filosofo e político*. Padova: Edizioni di Ar, 2003.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Assim falou Nietzsche II: memória, tragédia e cultura*. Relume Dumará, 2000b.

_____. *Nietzsche & Para Além de Bem e Mal*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005a.

_____. *Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005b.

_____. Escalarecimento (per) verso: Nietzsche à sombra da ilustração. *Aurora*, Curitiba, v. 20 n. 27 jul./dez. 2008. Disponível em:

<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/rt?dd1=2420&dd99=view>>. Acesso em: 14.12.2008

BAUDOIN, Charles. Nietzsche s Forerunner in Psychoanalysis, In: *Contemporary Studies by Charles Baudoin*. London, 1924

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Globalização. As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____; MEDEIROS, C.S. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BINSWANGER, Ludwig. La conception freudienne de L'Homme à la Lumière de l'Anthropologie. In: *Discours, Parcours et Freud*. Paris: Gallimard, 1970

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

BRUSOTTI, Marco. Ressentimento e vontade de nada. *Cadernos Nietzsche*, n. 8, p. 3-34, 2000.

_____. *Nietzsches Genealogia der Moral. Nietzsche-Studien*, Berlin/New York: W. de Gruyter, v. 30, p. 107-132, 2001.

CACCIARI, M., L'impolitico nietzscheano. In: *Nietzsche F. Il libro del filosofo*. Roma: Savelli Ed., 1978. p. 103 – 120.

CAMPIONI, G. *Les lectures françaises de Nietzsche*. Paris: PUF, 2001.

CANO, G. *Nietzsche y la crítica de la Modernidad*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

CHAVES, Ernani. [Ler Nietzsche com Mazzino Montinari \(Ernani Chaves\)](#). *Cadernos Nietzsche*, n.3, p.65-76 1997. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_03_04.pdf>. Acesso em: 17.12.2007.

COSTA, Jurandir Freire. [2004] Da dívida como culpa ao cuidado com o outro: as perspectivas de Nietzsche e de Winnicott. Disponível em:

http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/artigos/artigos_html/nietzsche.html. Acesso em: 16.04.2008).

DALBIEZ, Roland. *La Méthode psychanalytique et la Doctrine freudienne*. Paris: Desclé de Broouwer, 1936. (*O método psicanalítico e a doutrina de Freud*. Rio de Janeiro: Agir, 1947. 2 vol.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUSE, G. *Nietzsche et la Philosophie*. Paris: PUF, 1973. (*Nietzsche e a filosofia*. Porto: Rés, 2001).

DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise. O impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001.

ESCOBAR, Roberto. *Nietzsche e la Filosofia Politica del XIX secolo*. Milano: Edizione il Formichiere, 1978.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1988.

FINK, Jean. *Thomas Mann und die Psychoanalyse*. 1973

FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, la Généalogie, l'Histoire". In: _____. *Hommage a Jean Hyppolite*. Paris: PUF, 1971. p. 158-160. (Nietzsche, a Genealogia, a História. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 15-38).

_____. *Nietzsche, Freud, Marx: Theatrum philosophicum*. Trad. de Jorge Lima Barreto. Porto: Anagrama, 1980. Disponível em: http://portal.filosofia.pro.br/fotos/File/michel_foucault_nmf.pdf. Acesso em: 13.11.2008

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

(1900) A interpretação dos sonhos. IV e V

(1901) Psicopatologia da vida cotidiana, VI

(1908) Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. IX

(1910) Cinco lições de psicanálise

(1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia [Caso Schreber]. V. XII

(1912-13) Totem e Tabu. XIII

(1914) História do movimento psicanalítico. V.XIV

(1916) Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. V. XIV, p.376

(1920) Além do princípio do prazer XVIII

(1921) Psicologia das massas e análise do eu. V. XVIII, p.157

(1923) O ego e o id. V. XIX, p.

(1925) Um estudo autobiográfico. XX

(1930) *O mal-estar na civilização*. V. XXI

(1933a) XXXI das Novas Conferências Introdutórias à psicanálise: A dissecação da personalidade psíquica. XXII.

(1933b) XXXV das Novas Conferências Introdutórias à psicanálise: A questão de uma Weltanschauung. XXII

GASSER, Reinhard. *Nietzsche und Freud*. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIACÓIA Jr., Oswaldo.

_____. O conceito de pulsão em Nietzsche. In: MOURA, A. H. de (Org). *As pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995, p.79-96

_____. *Os Labirintos da Alma. Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Edunicamp, 1997a.

_____. A crise da cultura como escalada do niilismo (de onde procede o mais sinistro dos hóspedes?). In: _____. *Os Labirintos da Alma. Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Edunicamp, 1997b.

_____. O Cristianismo como Décadence-Religion e a essência do Niilismo. In: _____. *Os Labirintos da Alma. Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Edunicamp, 1997c.

- _____. A Aufhebung (supressão) do Nihilismo europeu. In: _____. *Os Labirintos da Alma. Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Edunicamp, 1997d.
- _____. Considerações gerais sobre Budismo e Cristianismo enquanto religiões da decadência. In: _____. *Os Labirintos da Alma. Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Edunicamp, 1997e.
- _____. Nietzsche e a modernidade segundo Habermas. *Idéias*, Campinas, v.1, n.1, p.25-50, 1999a.
- _____. A genealogia dos preconceitos. *Caderno Mais! Folha de S. Paulo*, 6.8.2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0608200004.htm>. Acesso em: 13.12.2008.
- _____. Crítica da moral como política em Nietzsche. *Humanas*, Londrina, v.1, n.2, p.145-168, 1999b. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/nietzschemoralpolitica.html>>. Acesso em: 17.12.2007.
- _____. O Édipo e a tragédia em Freud e Nietzsche. In: FULGENCIO, Leopoldo (Org). *Filosofia da Psicanálise* São Paulo: Educ, Vol. 1, n.1, p. 135-150, 1999c..
- _____. *Folha Explica: Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000a.
- _____. Genealogia da moral e arqueologia da cultura. In: FEITOSA, Charles; GAY, P. - *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GOYARD-FABRE, Simone. *Nietzsche et la Question Politique*. Paris, Sirey, 1977.
- GRANIER, Jean. Le statut de la philosophie selon Nietzsche et Freud. *Nietzsche Studien*, n.8, 1979
- _____. *Nietzsche*. Paris: PUF, 1982.
- HABERMAS, J. Entrada na pós-modernidade: Nietzsche como plataforma giratória. In: _____. *O discurso filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche, Metafísica e niilismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. *Nietzsche*. Pfullingen: Neske Verlag, 1961. (*Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense, 2007).
- HYPPOLITE, J. Filosofia e psicanálise. In: _____. *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Rio de Janeiro: Tímber Taurus, 1989
- JASPERS, Karl. *Nietzsche*. Berlin: Walter de Gruyter, 1950.
- JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto. [Da Genealogia da Moral de F. W. Nietzsche \(Roberto S. Kahlmeyer-Mertens\)](#). Disponível em: <http://www.consciencia.org/nietzsche_genealogia_da_moralroberto.shtml>. Acesso em: 17.12.2007.
- KAUFMANN, Walter. *Nietzsche. Philosopher, psychologist, antichrist*. 2nd ed.. New York: Meridian, 1956.
- KEHL, Maria Rita (Org.). *Função Fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

- _____. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Cf., especialmente o cap. II.
- KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Pazulin Editora, 2000.
- LACAN, J. - *Seminário 7: a Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.
- LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992)
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- _____. *O mínimo-eu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LEHER, Ronald. *Nietzsche's presence in Freud's life and thought: On the Origins of a Psychology of Dynamic Unconscious Mental Functioning*. Albany, State University of New York Press, 1995.
- Les Primiers Psychanalistes: minutes de la Societé Psychanalytique de Vienne*. T. I: 1906-1908; T. II: 1908-1910) Paris: Gallimard, 1976
- LOPARIC, Zeljko. O conceito de 'Trieb' na psicanálise e na filosofia. In: MACHADO, Jorge A. T. (org.). *Filosofia e psicanálise*. Um diálogo. Porto Alegre. Edipucrs: 1999, p. 97-157.
- LOSURDO, Domenico. *Nietzsche e la Critica della Modernità. Per una biografia politica*. Roma: Manifesto Libri, 1997. (Cf. [a resenha de Pedro Leão da Costa Neto](#) na Revista *Crítica Marxista*, n.12, 2001. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/10resen12.pdf>. Acesso em: 11.12.2008.
- _____. *Nietzsche il ribelle aristocratico. Biografia intellettuale e bilancio critico*. Torino: Bollati Boringhieri, 2002. Resenhas sobre o livro Disponível em: <<http://www.filosofia.it/pagine/argomenti/LoSurdo/Losurdo.htm>>. Acesso em: 11.12.2008
- _____. [Gli occhiali e l'ombrello de Nietzsche](#). Disponível em: <[http://www.filosofia.it/pagine/argomenti/LoSurdo_Losurdo_Losurdo.htm](http://www.filosofia.it/pagine/argomenti/LoSurdo/Losurdo_Losurdo.htm)>. Acesso em: 11.12.2008.
- LYOTARD, Jean-François. *Moralidades Pós-Modernas*. São Paulo: Papirus, 1996.
- _____. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MACHADO, R. C. M. *Nietzsche e a verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- MAGALHÃES, Fernando. *Tempos pós-modernos: a globalização e as sociedades pós-industriais*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MANN, Thomas. *Freud e o pensamento moderno*. 1929
- _____. *Freud e o futuro* (1936) (*Freud, Jugements, Témoignages do cinquantenaire*. Apresentação de Jaccard Roland). Paris: PUF
- MARCUSE, H. O envelhecimento da psicanálise. In: REICH, W.; FROMM, E.; MARCUSE, H.; BERGLER, E. ROHEIM, G. *Psicanálise e sociedade*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- _____. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *O envelhecimento da psicanálise*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- MARTON, Scarlett. (Org.). *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy*. São Paulo: Brasiliense, 1985a. 201 p.

- _____. (Org.). *O pensamento vivo de Nietzsche*. São Paulo: Martin Claret Editores, 1985b.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche - uma filosofia a marteladas*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Nietzsche - das forças cósmicas aos valores humanos*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.
- _____. *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ, 2001a.
- _____. Nietzsche: consciência e inconsciente. In: _____. *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ, 2001b.
- _____. *A irrecusável busca de sentido - Autobiografia intelectual*. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Unijuí, 2004. v. 1.
- _____. (Org.). *Nietzsche na Alemanha*. São Paulo - Ijuí: Discurso Editorial - Editora da Unijuí, 2005.
- _____. (Org.). *Nietzsche abaixo do Equador*. São Paulo/Ijuí: Discurso Editorial/Editora Unijuí, 2006.
- _____. *Nietzsche. A transvaloração dos valores*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- MATOS, Junot Cormélio. Críticas nietzschceanas à modernidade. *Impulso*, Ed. Unimep, Piracicaba, n.28, p. 133-151, 2001 Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp28art12.pdf>>. Acesso em: 13.12.2008.
- MATTEO, Vincenzo Di. O Discurso Ético em “O Mal-Estar na Civilização”. *Perspectiva Filosófica*, Recife: , v.5, n.10, p.19 - 46, 1998.
- _____. Ananke em O Mal-Estar na Civilização: Desamparo e Compromisso Ético. *Perspectiva Filosófica*. Recife: , v.6, n.11, p.95 - 118, 1999.
- _____. A vida na perspectiva psicanalítica. *Perspectiva Filosófica*, v. VI, n.12, p.79-101, jul./dez. 1999.
- _____. Subjetividade e cultura m Freud: ressonâncias no ‘mal- estar’ contemporâneo. *Discurso*, n.36, p.192-215, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. Préface. In: HESNARD, A. *L’oeuvre de Freud e son importance pour le monde moderne*. Paris: Payot, 1960.
- MIRANDA, J.B. Nietzsche e a modernidade. In: MARQUES, A. (Org.). *Nietzsche: cem anos após o projeto Vontade de Poder – Transmutação de Todos os Valores*. Lisboa: Veja, 1987.
- MISRAHI, Robert. *La problématique du sujet aujourd’hui*. 2 ed. Paris: Encre Marine, 2002
- MONTINARI, Mazzino. . *Che cosa ha veramente detto Nietzsche*. Roma: Ubaldini, 1975.
- _____. *Nietzsche*. Roma: Editori Riuniti, 1996.
- _____. Ler Nietzsche: O crepúsculo dos Ídolos. *Cadernos Nietzsche*, n.3, p. 77-91, 1997. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_03_05.pdf>. Acesso em: 17.12.2007.

MONTINARI, Mazzino. Interpretações nazistas. *Cadernos Nietzsche*, n. 7, p.55-77, 1999. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_07_04.pdf>. Acesso em: 17.12.2007.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. Nietzsche e a revolução francesa. *Revista Gaia - uma revista para todos e para ninguém*, S. Paulo, ano I, n. 2, set./dez. 1989.

_____. *Nietzsche: civilização e cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005

MÜLLER-LAUTER, W. O desafio Nietzsche. *Revista Discurso*, Departamento de Filosofia da USP, 21, 1988.

_____. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: AnaBlume, 1997.

NEGRI Antonio, *Nietzsche. Storia e cultura*. Roma: Armando Ed., 1978

_____. Nietzsche sottratto agli ermeneuti dell'innocenza. Disponível em: <http://www.filosofia.it/pagine/argomenti/LoSurdo/Losurdo_Antimo_Negri.htm>. Acesso em: 11.12.2008.

NAFFAH NETO, Alfredo. Nietzsche e a psicanálise. *Cadernos Nietzsche*, n.2, 1997.

_____. A psicoterapia em busca de Dioniso: Nietzsche visita Freud. São Paulo: Escuta, 2004.

NIETZSCHE, F. [1887] Zur Genealogie der Moral [GM]. Eine Streitschrift. In: *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Colli W. C.; Montinari, M. (Ed.). Berlin/Munich: Walter de Gruyter & Co./DTV, 1980. (*Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 6ª impr. São Paulo: Companhia das Letras, 1998). Veja também, _____. *Para a genealogia da moral*. Tradução e adapt. Oswaldo Giacóia Júnior; coord. Antonio José Romera Valverde. São Paulo: Scipione, 2002.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Humano, demasiado humano*. Um livro para espíritos livres. Trad. do alemão por Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a.

_____. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000c.

_____. *Assim falou Zarathustra*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *O Crepúsculo dos Ídolos, ou Como filosofar com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *O anticristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OLIVEIRA JUNIOR, Amorim de. A filosofia política de Nietzsche. Disponível em: <<http://www.esnips.com/doc/1ba84c5f-43d7-47cd-90b4-3bb68496ccfd/A-Filosofia-politica-de-Nietzsche,-por-José-Amorim-de-Oliveira-Júnior>>. Acesso em: 22.11.2008.

OLIVEIRA, Leonel José de. A genealogia Nietzscheana em M.Foucault. *Revista FAMECOS* • Porto Alegre • nº 17 • abril 2002. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/17/a10v1n17.pdf>. Acesso em: 13.12.2008

OLIVEIRA, Nythamar. Genealogia da razão política: Nietzsche e o perspectivismo. Versão original publicada no *Tractatus ethico-politicus*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

Cap. 5. Disponível em: < <http://www.geocities.com/nythamar/nietzsche.html>>. Acesso em: 30.12.2007.

ONATE, Alberto . Vontade de verdade: uma abordagem genealógica. *Cadernos Nietzsche*, n. 1, p.7-32, 1996. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_01_01.pdf>. Acesso em: 17.12.2007.

ORSUCCI, Andrea. *La genealogia della morale di Nietzsche. Introduzione alla lettura*. s/l: Carocci, 2001.

OUREDNIK, André. La notion de pulsion chez Nietzsche et Freud. 2003. Disponível em: < http://ourednik.info/consultables/Freud-Nietzsche_Pulsion.pdf>. Acesso em: 13.11.2008

PASCOAL , Antônio Edmilson . O procedimento genealógico de Nietzsche. *Revista Diálogo Educacional*, v. 1 - n.2 - p.1-170 - jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=715&dd99=view>>. Acesso em: 17.12.2007.

PEARSON, Keith Ansell. *Nietzsche como pensador político*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

PENNA, Antonio Gomes. Nietzsche e Freud. In: _____. *Freud as ciências humanas e a filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 163-205.

PINTOR RAMOS, A. Arqueología e Teleología del sujeto. *La ciudad de Dios, Rev. Augustiniana*, 190, n.2, p.223-277; 191, n. 2, p.247-297 1978.

PONTALIS, J.B. Note sur le problème de l'inconscient chez Merleau-Ponty. *Les Temps Modernes*, n.184-185, 1961

RANK. Otto. *Wahrheit und Wirklichkeit*. 1929 (*Volonté du Bonheur*). Ed. Stock)

RICOEUR, P. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.

_____. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

_____. *O conflito das interpretações*. Rio e Janeiro: Imago, 1978.

_____. In: *Discussione. Archivio di Filosofia*, 34, n.1-2, 1964.

RIDER, Jacques Le; PLON, Michel; RAULET, Gérard; REY-FLAUD, Henri. *Em torno de O Mal-estar na cultura de Freud*. S. Paulo: Escuta, 2002.

ROUANET, S. P. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. O impacto da psicanálise na cultura e da cultura na psicanálise. In: _____. *Interrogações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. *Psicanálise e Cultura*. Disponível em: http://estadosgerais.org/mundial_rj/port/cb_c_rounet.htm Acesso em: 27.10.2004.

SAFATLE, V. Dois modos de amor pela superfície: Lacan, Nietzsche e os usos da metáfora e da ironia. In: FULGÊNCIO, L. *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Educ, 1999. 357-379.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. São Paulo: Geração editorial, 2001.

SCHACHT, R. (org.). *Nietzsche, Genealogy, Morality*. Berkley/Los Angeles/London: University of Califórnia Press, 1994.

- SCHRIFT, Alan D. A disputa de Nietzsche: Nietzsche e as guerras culturais. *Cadernos Nietzsche*, n. 7, p.3-26, 1999. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_07_01.pdf>. Acesso em: 17.12.2007.
- SILÉN, Ivan. Nietzsche: o el Sentido del Resentimiento (Iván Silén). *A Parte Rei*, n.8, jun. 2000. Disponível em: <<http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/silen.html>>. Acesso em: 17.12.2007.
- SILVA, Cíntia Vieira da. Nietzsche, Freud e o problema da cultura. *Cadernos Nietzsche*, n. 8, p. 43-54. 2000. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_08_03.pdf>. Acesso em: 17.12.2007.
- SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Friedrich Nietzsche: Perspectivismo e superação da metafísica. *Comum*, Rio de Janeiro, v.9 – n. 22 - p. 5 – 38, jan./ jun. 2004. Disponível em: <<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum22/Artigo1.pdf>>. Acesso em: 17.12.2007.
- SONDAG, Yves. Nietzsche, Schopenhauer, l'Ascetisme et la Psychanalyse. *Revue Philosophique de la France et de l'Etranger*, n. 96, 347-359, 1971.
- SOUSA, Joaquim Francisco Saraiva de. Nietzsche e a crítica radical da cultura moderna. In: *Reencontro com Nietzsche no 1º. Centenário da sua Morte (1900-2000)*. Porto: Granito, 2001, p.9-28. Disponível em: <<http://cyberself-cyberphilosophy.blogspot.com/2007/07/nietzsche-e-crtica-radical-da-cultura.html>>. Acesso em: 17.12.2007.
- SOUSA, Mauro Araujo de Nietzsche: um tipo asceta. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, p. 24-42, 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_sousa.pdf>. Acesso em: 17.12.2007.
- SONDAG, Yves. Nietzsche, Schopenhauer, l'Ascetisme et la Psychanalyse. *Revue Philosophique de la France et de l'Etranger*, n. 96, 347-359, 1971.
- SUGIZAKI, Eduardo. Culpa e má-consciência em Nietzsche e Freud. *Revista de Filosofia*, v. 17 n. 20 jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/RF/view/?dd1=70>>. Acesso em: 17.12.2007.
- SUNTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VATTIMO, Gianni. *Introduzione a Nietzsche*. Roma-Bari: Laterza, 1985. (*Introdução a Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1990).
- _____. *O fim da modernidade. Nihilismo e hermenêutica como cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *Dialoghi com Nietzsche: saggi 1961-2000*. Garzanti, 2000.
- _____. *Il soggetto e la maschera: Nietzsche e il problema della liberazione*. Bompiani, 2003.
- WOTLING, Patrick. *Nietzsche et le problème de la Civilisation*. Paris: PUF, 1995.